



# PARA ALÉM DAS LIVES

## entrevista Marcela Nunes

Olá Ouvinte, este é o nono episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Nossa convidada de hoje é a Marcela Nunes, flautista premiada pelo BDMG Instrumental de 2019, mestre em performance musical pela UFMG, e que tem uma grande atuação no choro de BH, não só com seu grupo Choro Nosso, mas também em outros projetos musicais. Marcela é musicista, compositora, arranjadora e professora. Em 2015 lançou o disco *Em Casa*, composto em parceria com seu companheiro, o músico Renato Muringa. Conversamos sobre as dificuldades da migração para o virtual, principalmente com as aulas que ministrava presencialmente, e como a tecnologia ainda carrega entraves que limitam seu uso pelos músicos. Essa conversa foi feita via Whatsapp e Marcela estava cuidando de sua criança pequena na pandemia, em casa, com muitas demandas. Por isso, gostaria de agradecer mais uma vez a disponibilidade, a abertura e a paciência em compartilhar conosco um pouco de sua experiência. Obrigado novamente Marcela!

**PARA ALÉM DAS LIVES:** música e tecnologia pós-pandemia

**Frederico:** Ei Marcela, tudo bem? Então, acho que vou começar te perguntando... A primeira coisa que eu gostaria, seria de você se apresentar um pouco, falar um pouco da sua trajetória na música. E aí, uma outra pergunta que também vou te fazer, além dessa apresentação, é como era seu uso das tecnologias para criar, para encontrar, para fazer, para divulgar, para, não sei, financiar o seu trabalho na música antes da pandemia. E durante a pandemia, se teve alguma alteração, a partir dos impedimentos que a pandemia trouxe, né? Porque ela nos forçou a dar uma certa migrada, ou pelo menos explorar um pouco mais do virtual que a gente não estava explorando... E como foi essa exploração sua.

**Marcela:** Ei Fred! Boa tarde. A minha trajetória na música começa lá de criancinha. Eu, a partir dos seis, sete anos, estudei música ininterruptamente, até hoje! (risos) Então, inicialmente com flauta doce, violão, piano, aula de musicalização. E com 18 anos, eu decidi estudar flauta transversal, que foi o instrumento com que dali a um ano e meio, dois anos, eu ingressei no bacharelado da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Então, eu cursei o bacharelado em flauta. Depois, eu segui para o mestrado. O mestrado foi em performance, onde eu estudei três Choros para flauta de Beline Andrade que é um compositor de choro mineiro, compositor de Abaeté, super importante para nossa cena. Ele é autor de mais de 600 (seiscentos) Choros, provavelmente mais. Mas que são Choros que ainda não estão catalogados, né? Enfim, essa foi a minha pesquisa de mestrado. Me aprofundei sobre algumas obras dele. E aí, após o mestrado é que eu, vamos dizer assim, segui na minha carreira, como música profissional.

Eu posso dizer que tenho uma grande atuação na área de performance. Eu fundei um grupo de Choro chamado Choro Nosso. Porque o Choro, a música a música popular brasileira, é onde eu mais atuo, né? Toquei em outros grupos, orquestras de flauta, algumas outras formações, todas girando em torno desse tipo de música, vamos dizer assim. A música erudita ficou um pouquinho para trás. Eu não gosto dessa separação, dessa compartimentação entre música popular e música erudita, mas eu tô colocando aqui para explicar um pouquinho, contar um pouquinho.

Em 2015, eu gravei um disco junto com meu companheiro Renato, que é um disco autoral nosso, só com músicas que a gente compôs de Choros chamado Em Casa. E nos últimos anos eu desenvolvi um pouco mais do meu trabalho autoral, mais solo, onde eu, numa formação em Quarteto, fui uma das vencedoras do prêmio BDMG Instrumental, que é um dos prêmios mais importantes de música instrumental do país. Isso foi em 2019.

Paralelamente, eu tenho a minha formação como educadora musical, dando aulas de flauta e também um pouco de aulas de musicalização. Atualmente eu dou aulas de flauta particulares e também sou professora de música em uma escola.

Acho que é isso, assim. A minha formação e a minha área de atuação agora, né? Muito voltada para esse universo do Choro, da música brasileira, mas também vejo como uma formação bastante eclética, onde eu consigo caminhar por muitos gêneros.

Em relação ao uso da tecnologia, que é a sua segunda pergunta, digamos que eu, antes da pandemia, fazia um uso bastante raso... Nós, músicos, infelizmente ou felizmente (risos), dependemos muito das redes sociais, né? Para contar o que a gente está fazendo, divulgar os nossos shows. Então as redes sociais eram um canal que fazia parte dessa rede de tecnologia que eu já usava antes, muito né?

A parte disso, eu vou te confessar que eu não usava muita coisa, sabe? Com a pandemia, eu demorei um pouco, tive um pouco de...

De início assim, inicialmente, uma aversão em já fazer... Mas eu acabei fazendo algumas lives, né? Que acho que foi o caminho que a maioria dos músicos encontrou para poder continuar com aquela sensação de que estava fazendo shows, de que estava chegando até quem quer que fosse para ouvi-los. Então as lives foram um canal dessa tecnologia que eu usei e que não tinha feito antes. Tanto lives pequenas, com os meus próprios meios, computador e câmera, as minhas próprias coisas, em casa, eu fiz algumas. Quanto lives maiores. Aí já com respaldo de alguns teatros, em outros projetos, onde eu consegui... A gente fez algumas lives grandes.

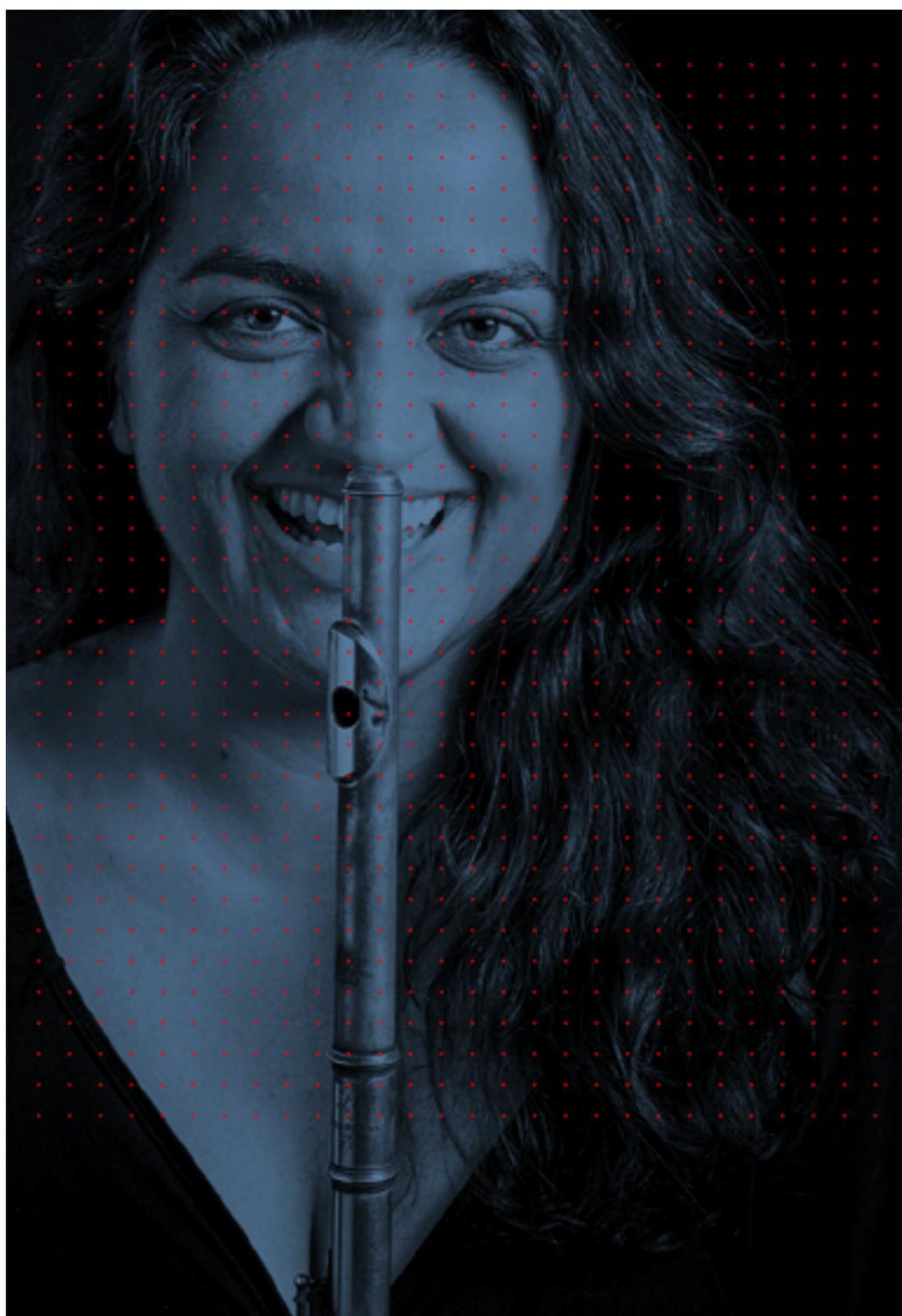
E aí, um outro uso das tecnologias que eu nunca tinha... Nunca tinha feito, foi utilizar o recurso da aula online, né? Eu também tinha muito "pé atrás" com as aulas online. Eu já tinha tido procura para dar aulas online, mas eu falava que eu não dava, que eu não... Que eu preferia as aulas presenciais. Com a pandemia, a gente foi obrigado, né? Ainda mais a gente que dá aula de instrumento de sopro, foi uma coisa assim, não tinha nem a opção de pensar em dar aula [presencial].

E aí foi um recurso que eu tive que pensar como usar, né? Eu já conhecia chamadas de vídeo, o Google Meet, o Zoom... O Zoom, nem tanto, mais o Google Meet. E a própria chamada de vídeo do WhatsApp, né? Usei também e uso ainda algumas aulas pelo Skype. Mas em todos eles, a gente acaba tendo que se adaptar de alguma forma, né? A aula online, ela nunca consegue suprir coisas que a aula presencial tem. Então, a primeira questão é a questão do áudio. Porque o áudio, ele é completamente distorcido pelo próprio aplicativo, né? Existem alguns aplicativos que distorcem menos e outros que distorcem mais. Então é aceitar também... Tivemos que aceitar um pouco que o som não ia chegar da mesma forma. E a gente, no caso, dando aula de música, aula de instrumento musical, a qualidade do som, do jeito que você toca, é uma coisa que a gente pensa, né? Que a gente ensina, que a gente quer que o aluno pense sobre. Então, isso é uma coisa um pouco limitadora. Essa coisa do áudio: tanto a que eu toco não chega do jeito que eu toco para o aluno, e o que o aluno toca não chega do jeito que ele toca para mim.

Acho que é questão de imagem, foi o menos problemático assim, sabe? Resolvi com câmeras um pouquinho melhores e paralelamente tive que usar alguns outros recursos, né? Que foi mandar materiais à parte que, às vezes, amplificam um pouco da sua aula. Gravar pequenos vídeos para o aluno assistir depois. Gravar alguns áudios à parte, aí já com uma qualidade boa, para o aluno assistir depois. Então, com as aulas também mudou muito, sabe? Hoje eu, por exemplo, continuei com alguns alunos nesse tipo de aula e tô retomando com muito cuidado alguns alunos presenciais. Poucos, mas aos pouquinhos a gente tá indo. Mas eu acho que a aula online vai ser uma coisa que eu vou querer fazer sempre agora! Perdi um pouquinho do medo, sabe?

**Frederico:** Bom, aí, desculpa então te incomodar mais um pouquinho aqui... para ir complementando nossa conversa e as perguntas que são relevantes para a pesquisa. De novo te agradeço. Obrigado pela disponibilidade. Pois é sempre uma doação, o tempo... E você com criança... A gente sabe que é muito difícil coordenar todas as coisas que implicam isso aí... Então, antes de mais nada, muito obrigado.

Eu gostaria de fazer mais algumas perguntas para você sobre as lives que você falou. Você começou a fazer lives, como todos os músicos fizeram, realmente é verdade, né? Acho que até por isso teve uma certa saturação. Mas não tinha outra alternativa também, claro. Eu queria saber como foram. Como é que você sentiu que foi isso. Se teve alguma repercussão, se você teve algum retorno disso. Qual foi



sua impressão dessas lives, não só das dificuldades que você teve, se você puder até falar um pouco mais. Você falou um pouco da questão da imagem e do som, dos problemas do som, né? E você falou com relação às aulas. Que é um problema mesmo, né? Mas [também] como é que foi isso? Talvez até com o resultado... Se você achou se teve alguma reverberação o fato de fazer as lives, suas, primeiro.

E no caso das lives maiores, que você falou que eram outros grupos, já com contratos, com grupos maiores... Esses grupos já faziam parte de uma rede, com os quais você já tocava? Como é que apareceu isso? Veio de onde? Esses convites vieram de instituições? Foram via outros grupos em que você já participava e que te chamaram para participar e tal? E também se você achou que a repercussão disso né? O fato de você trabalhar, que já é extremamente positivo. Mas além disso, se teve alguma repercussão, se muda alguma coisa na circulação virtual do seu trabalho nesse momento. Ou se mudou naquele momento pandêmico lá. É mais isso, a ideia do impacto. Se teve algum impacto, alguma repercussão.

Com relação às aulas, você falou das questões técnicas e necessidades a que você foi se adaptando. Queria saber em relação ao áudio. Você foi se adaptando em aceitar os problemas do áudio ou você tentou achar soluções que foram adaptações tecnológicas... Para chegar às soluções. Alguém te deu alguma dica? Você achou alguma outra solução? Isso não é tão relevante, só um pouquinho.

Mas o mais relevante é como foi o resultado das aulas, né? Se realmente acabou que aconteceu de serem fluidas, de funcionarem efetivamente, nos diversos sistemas que você teve que usar. Como é que você sentiu isso. Se rolou, se realmente acabou sendo possível fazer dessa maneira. E os alunos? Eram alunos que você já tinha e migraram para o virtual? Em parte, imagino que sim. Mas chegaram novos? E se chegaram, como eles chegaram né? Como foi o caminho para ter esses alunos?

E como é que você vê agora? Você falou uma coisa do retorno. Tá começando a ter um retorno presencial e a gente sabe que vai crescer mais e mais, né? A gente está cada vez tendo mais aberturas, mesmo com as restrições que ainda estão presentes. Eu queria saber se você pretende continuar também com as aulas virtuais. E se presencial por enquanto são só as aulas, ou já teve mais alguma coisa que tá acontecendo, que você anda fazendo. Mas o que você acha disso... Esse espaço do virtual que apareceu necessariamente com a pandemia, que espaço ele ocupa para você em termos de perspectiva? Você acha que isso é um espaço que vai se manter para você com relação ao seu trabalho? Mas eu digo utilizar mais esse espaço virtual ou não. Ou você realmente vai voltar mais pro presencial e foi uma coisa localizada no tempo e necessária devido a própria pandemia? Acho que é mais ou menos isso.

**Marcela:** Maravilha. Eu vou responder de trás para frente.

Bom, o espaço que as atividades virtuais ocuparam, em relação a um ano e meio atrás, por exemplo, quando a pandemia tava mais

acirrada. Ele tem diminuído, sabe? Eu percebo que não há demanda, pelo menos para mim, como musicista, dessas lives, por exemplo. De certa forma, acredito que é uma conjunção de falta de demanda, uma vez que a gente já voltou com as atividades de shows ao vivo, as rodas de Choro, por exemplo. Porque são rodas que eu faço todas as quintas. A gente suspendeu e fizemos algumas lives com esse Choro. Mas agora a gente já voltou. A maioria dos shows que eu faço, que eu tô sendo chamada [para fazer], estão sendo presenciais. Então, a demanda dessa onda, dessa questão de live, para mim tá praticamente nula.

O que se manteve, e que foi uma coisa surpreendente para mim... Igual eu te falei antes, eu não acreditava muito nas aulas online. O que se manteve é que alguns alunos estão ainda no online. Eles optaram por manter as aulas online. Isso eu acredito que também pela facilidade deles fazerem essa aula comigo. São alunos que moram longe, por exemplo. Que não teriam facilidade de vir fazer aula comigo presencial. Então, abriu-se uma porta nesse ponto, dessas aulas online. Eu ampliei esse leque... Eu consigo atender alunos que no presencial não viriam fazer aula, sabe?

**Frederico:** Ué, acho que você já me respondeu uma coisa importante, que foi das aulas que tem acontecido. A coisa que tá online mesmo. Já me respondeu que a coisa das lives, elas já não acontecem mais. Tá tudo já, realmente, voltando pro presencial. Então isso perdeu o sentido, né? A única coisa que ficou mesmo foram as aulas que estão online.

E aí, eu queria te perguntar... Assim, como uma pesquisa diz respeito também à pandemia, o impacto de quando... Você mencionou um pouco isso. Das lives que você começou a fazer... [Eu queria saber] do impacto das lives no seu trabalho durante a pandemia. Quando você começou a fazer lives, teve alguma alteração para você? Se mudou como as coisas estavam acontecendo. Não sei se você consegue recuperar isso de memória. Você achou que apareceram mais oportunidades? A coisa fluiu ou não? Foi uma coisa que apareceu um pouco depois, e ali mesmo, na pandemia, ela morreu ou não, sabe? Mais isso, assim... Se teve uma repercussão, se foi bom, né? Quer dizer, essa migração para online, ela resultou, de alguma forma, em mais movimentação, dentro daquela possibilidade, é claro? Acho que é isso. Só para saber da pandemia, como foi.

**Marcela:** Em relação a essa última pergunta, eu fiquei pensando que eu não sei dizer muito bem, sabe? Porque com as lives apareceram outras lives para serem feitas naquelas mesmas, naqueles mesmos formatos. Eu cheguei até a gravar dois shows para serem lives. Na verdade, eu em vez de... Na verdade, eu vendi o show, né? Eu gravei aqui da minha casa dois shows e as pessoas me pagaram por esses shows, para poder transmitir nas suas redes. Um show foi dentro de um evento, de uma festa aqui, e o outro foi um festival.

Então, assim, eu não sei se esses trabalhos, numa vida normal, apa-

receriam normalmente, sabe? Ou se foi por causa das lives. Então, a minha dificuldade é essa, de te dizer se eles surgiram por causa das lives que eu fiz ou se não, sabe? Mas, sendo bem sincera, assim, em relação à projeção do meu trabalho e em relação a outras oportunidades, eu acho que as lives não contribuíram muito não. Foi num momento que estava muita... Muita oferta disso, né? Muita gente fazendo live, muita gente gravando, todo mundo online e eu não tenho muita paciência com esse espaço de divulgação, assim. Então, às vezes eu me perco um pouco, não divulgo do jeito que é o seu certo, né? Para que as coisas rodem pela internet. (risos) E aí, eu acho que... Eu acho que não, então, resumidamente. Não sei se eu dei muita volta... E é uma pergunta que realmente eu fico na dúvida, sabe?

**Frederico:** Ô Marcela, então muito obrigado. Muito bom ouvir você. Sei que tá aí nessa situação difícil, pandemia... Agora que tá começando a mudar um pouquinho, mas, enfim... Muitas demandas, criança pequena, super complicado, então agradeço demais sua disponibilidade, seu tempo, a sua contribuição que foi muito importante, né? Importantíssima. E é isso, só queria dizer muito obrigado de novo e até breve.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA